

“querem dizer-me
as palavras tão-
somentemente” e
lamento

Luís Felipe Ferrari*

*Nascido em Cascavel, no Paraná, em 1998, é aluno do curso de Letras-Latim da Universidade de São Paulo. Poeta estreante, publicou um conto na antologia 15 Formas Breves. E-mail: luisf.ferrari@hotmail.com

Querem dizer-me as palavras tão-somente

Querem dizer-me as palavras tão-somente.
Luz, amores, desterro.

Mas se digo “eu”, a palavra,
que talvez me preservasse o rosto
no espelho desalumiado do papel,
não me tem a voz,
não me tem a vida.

Mesmo que escrevesse com uma gota de sangue,
no silêncio, serei só silêncio.
Talvez, se quiserem matar-me,
possa ser pronome, possa
ser réplica da *Tabacaria* ou verso precário
na língua do *Remate de Males*.

Mas quando me leres
“eu” na tua voz,
tu, que não me tem nem os pulmões nem os meus
[sonhos,
tu, que não me tem sequer a voz frágil,
me tens, porém, no teu nome e na tua vida.

A palavra é carne
de minha imagem.

Peguei na estante o livro de sonetos.
Os versos agora estão mais roxos que o canto,
e as páginas dos livros, como folhas
e flores das acácias, se acinzentam;
sobre a página, doente o frágil traço,
está rasgado o corpo das metáforas.

As traças comeram as palavras
com que o poeta pintou a imortal beleza
e o estio sem-fim da tua carne
soprou para longe o vento das janelas.
As margens do papel desfaleceram
como desfaleceram os teus pés, as tuas mãos frouxas.

Não sei o que me dói – presumo ser
a noite o que me dói dentro dos ossos,
ardendo sob a pele com as estrelas.
Mas a tua beleza aguardará, se preciso for, eternamente
por que poupemos os livros do esquecimento
e reaprendamos a lê-la.